

Candomblé e resistência cultural

Anahy Sobenes* PPGH-UFSC-CNPQ

Resumo: Contrariando a tradição simplista que opõe religiosidade e resistência, baseada em uma frase descontextualizada de Karl Marx, o presente trabalho tem por objetivo analisar a prática do Candomblé como fator de resistência cultural ao capitalismo ocidental.

Para isso utilizaremos um método comparativo no qual serão confrontados aspectos constituintes de ambos, Candomblé e Capitalismo, tais como temporalidade linear ou cíclica, oralidade em oposição a cultura escrita, relação com a natureza e com a morte, alimentação, formas de aprendizado e relação com objetos de consumo ou/e tecnológicos.

A fim de prosseguirmos nosso intento utilizaremos os seguintes referenciais teóricos: em relação ao conceito de resistência, utilizaremos a definição proposta por Bosi (1996), segundo a qual “Resistência é um conceito originariamente ético e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia.”. No estudo das características mencionadas no capitalismo utilizaremos definições marxistas e no estudo das mesmas características no Candomblé utilizaremos estudos sobretudo de Prandi.

Entre os resultados de tal comparação evidenciaram-se situações nas quais o Candomblé figura como elemento de resistência cultural como: a temporalidade específica temos como exemplo, a necessidade de um iniciado ficar um mês dentro do terreiro (local onde é realizado o culto) para fazer sua obrigação (que consiste em uma cerimônia interna para pessoa iniciada) quase impraticável na sociedade capitalista sob a cultura hegemônica pois implicaria deixar o trabalhar e cumprir com outras obrigações cotidianas durante todo esse tempo. Outra característica marcante é a oralidade, onde se apoia todo o

aprendizado, sobretudo na lenta observação e na audição dos mais velhos, característica esta que se choca com a cultura escrita dominante na sociedade contemporânea.

Certamente todas as religiões, assim como outras instituições humanas sofrem alterações com o decorrer das gerações e as mudanças históricas. Contudo verificam-se na atualidade alguns terreiros de Candomblé que estão sofrendo penetrações pelos mecanismos de mercado e tornando essa religiosidade um produto exótico a ser comercializado, caminhando desta maneira, para um processo de perda deste caráter de resistência cultural.

Porém, embora algumas casas de candomblé estejam sofrendo penetrações pelos mecanismos de mercado, esta religiosidade ainda possui em sua essência, elementos culturais que contrariam a lógica capitalista.

Palavras-chave: candomblé; resistência; capitalismo.

O presente trabalho pretende discutir aspectos do Candomblé que o caracterizam como resistência cultural (BOSI,1996), já que regido por uma lógica que se choca com o capitalismo e alguns de seus princípios que acabam sufocando diversos aspectos da vida humana, tais como temporalidade, predomínio da palavra escrita entre outros. Imbuídos deste objetivo faremos uma observação comparativa de alguns aspectos em ambos.

É sabido que no capitalismo o ser humano é reificado, coisificado (MARX, 2011), tornando-se escravo do tempo cronológico pois, em qualquer profissão que se estabeleça é cobrado em sua produtividade numérica. Por isso, não pode aceitar o tempo biológico e suas respectivas necessidades mas tem que disciplinar sua vida a partir de uma rigidez de horários a serem cumpridos e perdendo dessa forma, parte considerável de sua autonomia.

Outra característica marcante que acompanha o homem no capitalismo é uma visão de mundo pretensamente racional e desencantada. Contudo, aqui o racional é o parcial, o que pode ser visto através das lentes distorcidas e nada imparciais dos meios de comunicação da grande massa. Tal processo

tem relação íntima com o cenário produtivo, já que o trabalhador cada vez mais faz seu trabalho de maneira mais e mais especializada acaba tendo dificuldades em enxergar o todo sistêmico e acaba tomando um fragmento da realidade como a realidade em sua completude.

Temos ainda a valorização quase que exclusiva da palavra escrita como único meio e/ou documento para intermediar diversas relações sociais, desde as econômicas, passando pelas escolares, documentos pessoais diversos para provar sua identidade, reconhecimentos de assinaturas, e toda a parafernália de uma sociedade moderna cada vez mais pesada de se carregar, com tantos documentos supérfluos e por vezes incompreensíveis.

Nesta sociedade, os escritos são frequentemente engolidos de maneira acrítica e necessariamente verossímil, status adquirido pelo simples fato de se apresentarem escritos e impressos. Assim, quem não domina a palavra escrita nesta sociedade não é considerado sujeito de sua própria história, é marginalizado e condenado a não existência.

Com relação à natureza, historicamente o capitalismo possui uma relação de destruição, já que o objetivo maior é retirar o lucro e não preservá-la, se isso significar maior custo produtivo. A lógica sistêmica burguesa, apoiada na crença de um distanciamento e superioridade do homem com o meio ambiente, procura assim afastá-lo do contato com a natureza, desde que esta não esteja devidamente domada sob o invólucro das grades e fossos de um zoológico, ou devidamente controlada e podada aos limites de uma praça. Há algumas décadas constatou-se entretanto, a necessidade de um uso mais racional do ambiente, já que muitas fontes são esgotáveis. Contudo pouco se tem feito de fato enquanto medida sistêmica para alterar significativamente esta situação. O que ocorre é a apropriação da questão ideológica como produto comercializável também, tais como mercadorias vendidas a preços altíssimos por pertencerem a algum projeto ecológico ou simplesmente venderem esta imagem. Até mesmo opções de alimentação como o vegetarianismo ou

veganismo foram sabiamente abduzidos pelo mercado crescente e excessivamente lucrativo.

Por falar em alimentação, em decorrência do agrilhoamento dos homens ao tempo, no capitalismo ela precisa ser mais rápida, do tipo *fast food* ou apelando para comidas congeladas e semiprontas, cortadas e facilitadas em geral. Dessa maneira, aboliu-se o ritual alimentar, quedando a comida mais um ato mecânico de sobrevivência.

A carne, a lembrança do animal morto é rigorosamente afastada e o bife vendido no isopor torna-se muito distante e nada semelhante ao animal abatido e morto. Baseado em uma moral hipócrita, a ideologia capitalista burguesa afasta todo sangue que nos liga aos instintos biológicos do predador, dando a ilusão de que a sociedade é harmoniosa entre si (ocultando portanto, a luta de classes) e também que já superou a barbárie do predador natural.

No sentido oposto ao distanciamento da natureza rumo ao desencantamento e racionalismo, a sociedade capitalista aproxima-se de uma crença irracional aos objetos tecnológicos: completando a díade marxista temos, ao lado da reificação do ser humano, a fetichização da mercadoria. Trata-se do processo pelo qual as mercadorias adquirem um caráter sagrado e possuí-las passa a ser uma necessidade inadiável e a condição da felicidade do ser humano. Como era de se esperar, temos como resultado desse processo, pessoas que desejam possuir a tecnologia de ponta a todo o momento, não importando como conseguí-las e como nem sempre essa aquisição é possível, queda a frustração e a infelicidade por não alcançar o objeto de desejo. Outra consequência deste processo é a produção imensa de lixo eletrônico, pelos mesmos defensores de uma economia dita sustentável.

Após observarmos estes aspectos do capitalismo que nos interessaram aqui devido ao choque com a cultura religiosa que é nosso tema, vamos finalmente a ela, na tentativa de verificar se podemos confirmar nossa hipótese de que o candomblé é uma religião de resistência cultural.

Pensem em primeiro lugar, as condições de criação e os agentes criadores do candomblé no Brasil. Seus criadores, na época escravos, não tinham status jurídico de cidadãos, considerados apenas uma mercadoria e portanto, sujeitos aos interesses de mercado. Obviamente tais pessoas não tinham direito a escolherem sua própria religião, portanto, os praticantes da mesma eram cruelmente perseguidos (MAZAN, 2001) e os rituais só eram possíveis de ocorrer de maneira secreta ou travestida de católica, única religião permitida então. Muitas vezes se valiam do apoio ou simpatia de algum personagem de posses ou com certo poder que garantia a proteção dos cultos (REIS, 2008). Surgiu daí o cargo de Ogã considerado defensor do terreiro.

Voltemos ao primeiro aspecto tratado no capitalismo, a temporalidade. Enquanto que no capitalismo o tempo cronológico deve ser seguido, no candomblé a temporalidade é cíclica e baseada no tempo da natureza. Por isso nos terreiros (também chamados “ilês” são os locais onde ocorrem as cerimônias), costuma-se dizer que: “as coisas acontecem quando têm que acontecer” (PRANDI, 2005). Na prática significa que, em dia de festa no terreiro, por exemplo, o trabalho não iniciará na hora prevista porque para fazer a comida dos orixás é preciso utilizar o fogão a lenha e este pode demorar a acender, sendo mais imprevisível que o fogão a gás.

Há ainda as etapas de iniciação religiosa e a necessidade de permanecer de três a quarenta dias no interior do terreiro para realizar os rituais tradicionais. É preciso dizer ainda que de acordo com os preceitos religiosos, o iniciado deveria ficar incomunicável com o mundo de fora, tendo contato apenas com a família de santo (assim chamado o grupo dos frequentadores de um mesmo terreiro). Difícil conciliar os compromissos da vida moderna com essas tradições iniciáticas.

O candomblé, como toda religião, defende a crença em um mundo que vá além do racional, visível, rumo ao mundo encantado. Embora algumas religiões tentem se aproximar cada vez mais de uma racionalização e com isso recusem os aspectos mágicos que existem inevitavelmente em todas as

religiões, (THOMAS, 1991) no candomblé não há como fugir deste aspecto mágico, que é sua própria essência. Sendo assim, tudo o que acontece na vida das pessoas, e no mundo pode ser explicado pela lógica mitológica dos orixás e demais espíritos antepassados.

Condizente com sua filiação africana, o candomblé é uma religião cujos conhecimentos são transmitidos oralmente pelos mais velhos. Não adianta ter pressa para aprender pois o aprendizado ocorre, como resposta às situações que surgem no cotidiano. Mais sábios são os mais velhos. Enquanto que na sociedade capitalista os mais velhos se tornaram um peso econômico e social e alvo crescente de desrespeito.

Nos terreiros, são transmitidos oralmente os “segredos” religiosos, tais como fórmulas, receitas de comida de santo (são assim denominadas as comidas que se tornam oferendas aos orixás), letras de pontos cantados (cânticos religiosos cerimoniais), rezas, entre outros. Dessa maneira, o aprendizado torna-se necessariamente lento. Lentidão essa que se choca com os princípios ocidentais modernos de aprendizado rápido, mesmo que às custas de torná-lo cada vez mais superficial.

Passemos para a relação do candomblé com a natureza; encontra-se aí a essência desta religiosidade. Para os praticantes do candomblé, é da natureza que vem tudo, todos os produtos utilizados nos rituais, é nela que moram os antepassados e a personificação dos orixás. Cada orixá é responsável por um domínio natural.

Nesta relação com a natureza os seres humanos não agem como superiores a ela e como se todos os recursos estivessem à disposição apenas para servi-los. Ao contrário, entendem-se como parte dela, parte menor e precisam respeitá-la para não desagradar aos orixás, continuar sobrevivendo e que a lógica do mundo continue intacta.

É preciso dizer, porém que o respeito e a harmonia com a natureza proposta pela religiosidade do candomblé, não deve ser associada ao vegetarianismo. O alimento animal e o próprio sangue são fundamentais nos

rituais, embora alguns terreiros tenham abandonado esta prática, conforme veremos a frente, causando enorme polêmica com os demais terreiros. Isso porque no candomblé, o sangue possui um significado amplo, de morte e vida, renascimento, renovação e alimento. Ainda existe enorme mistério envolvendo as práticas sacrificiais no candomblé, em parte devido ao enorme preconceito sofrido pelos candomblecistas neste aspecto, por outro lado por fazer parte dos assuntos reservados aos iniciados.

Sabemos porém, que os animais destinados a esta prática são cuidadosamente escolhidos e recém um tratamento bastante respeitoso até a cerimônia da matança (BENISTE, 2011). Somente algumas pessoas podem ficar responsáveis por este ritual, no caso os ogãs (homens considerados defensores dos terreiros e que, por isso mesmo, não entram em transe. São também responsáveis pelos atabaques).

A morte deve ser rápida e sem sofrimento. Todas as partes do animal devem ser aproveitadas como alimento do orixá ou aos filhos e deve ser consumido pois considerado fonte de energia e ligação com os ancestrais e orixás, chamado também *axé*. Considera-se como alimento da alma, além do corpo físico. A preparação dos pratos também é restrita. A cozinheira do terreiro é também chamada *Yabassé* e pode ser auxiliada por algumas iniciadas, tarefa vetada aos homens. É possível verificar o cumprimento de uma rígida divisão entre as funções masculina e feminina.

Yabassé é também aquela que possui o domínio das receitas que são passadas para as mais jovens e que, contudo, constituem segredo religioso, não sendo permitida a transmissão a alguém que não seja filho do terreiro.

A chamada família de santo é formada por todos os iniciados, também denominados filhos ou *yaôs*, e pelo pai, *babalorixá*, ou mãe, *yalorixá*, que são os zeladores da casa, ou *ilê*. Além dessas, existem as outras subdivisões já mencionadas acima. O interessante é notar o uso de denominações diferenciadas, advindas do vocabulário yorubá. No interior do terreiro, cada

objeto tem seu nome correspondente em yorubá e tudo isso é memorizado de maneira necessariamente lenta.

O uso das tecnologias modernas nos terreiros é feito com reservas: o fogão a gás, por exemplo, deve ser restrito às situações cotidianas e não rituais, como o amanho do café oferecido aos visitantes. No preparo da comida ritual é imprescindível a utilização do fogão à lenha. Os ingredientes de tais alimentos preferencialmente são os mais naturais possíveis, evitando produtos pré-fabricados, congelados ou enlatados.

Nos cerimoniais de iniciação é necessário despir-se de toda ligação com o mundo de fora do terreiro. Portanto, celulares, relógios, computadores, televisão, rádio, além de chuveiro elétrico, produtos de perfumaria, talheres, cama....raros objetos permanecem tais como energia elétrica. Tudo isso tentando reproduzir o mais fielmente possível o tempo dos antepassados e o contato com a essência natural do ser humano. Claro está que uma atitude como esta se choca fortemente com a sociedade fetichista da mercadoria que mencionamos atrás. Dessa maneira, imagina-se a dificuldade que é para um iniciado seguir esta religião e seus preceitos na atualidade, é ir contra a corrente em diversos aspectos: ter paciência para seguir outra temporalidade, aprender lentamente, privar-se de alguns objetos em determinadas situações, manter-se desconectado com o mundo, cada vez mais conectado, buscar um contato com a natureza, em um mundo cada vez mais urbano, procurar uma lógica encantada em uma realidade cada vez mais dura e desencantada...

O choque com os não adeptos é enorme e decorre daí a realização de algumas adaptações em alguns terreiros que se tornam polêmicas entre os demais seguidores da religião.

Certamente todas as religiões, assim como outras instituições humanas sofrem alterações com o decorrer das gerações e as mudanças históricas. Até mesmo as oferendas, ou comidas de santo devem ser alteradas com o tempo, diante das dificuldades impostas a cada momento histórico. Como ilustração, podemos pensar nas diversidades regionais que os terreiros do país teriam

para conseguir as oferendas de cada orixá. Adaptações sempre são necessárias.

Contudo, é possível observar algumas adaptações polêmicas. É o caso recente de terreiros que estão fazendo “intensivos” para a formação de babalorixás ou yalorixás em um curto período de tempo. Ou ainda outros que adotaram a formação escrita para cursos e adiantar, assim, o aprendizado dos candomblecistas.....

Outras medidas são caracterizadas como mudanças necessárias mas não passam de uma apropriação da religião para fins lucrativos: é o caso quase criminoso de pais e mães de santo que têm cobrado excessivamente para a realização das cerimônias.

Candomblé é uma religião bastante dispendiosa, não apenas em termos de energia, mas também em termos financeiros. Cada troca de roupa feminina utiliza em média sete peças... e isso não é nada. O preparo das comidas e das cerimônias iniciatórias exige muitos produtos, alguns bem caros. Um aparentemente simples acarajé exige um gasto enorme! Sem falar no trabalho e tempo gasto para prepará-lo.

Muitos líderes candomblecistas de má fé têm se aproveitado desta característica e ganhado dinheiro desonesto com isso. Os valores são assustadores e envolvem uma rede de corrupção que inclui acordos escusos com vendedores de materiais religiosos a fim de que ambos ganhem em troca de enganar o fiel.

Trata-se obviamente de uma apropriação mercadológica da fé e nestes casos, não há nela resistência ao capitalismo, muito pelo contrário.

Em outros casos, chefes religiosos acabam simplificando as cerimônias e rituais a fim de atrair mais clientes (neste caso não há pudor na utilização do termo “clientes”, já que é exatamente isso que os fieis acabam se tornando). Neste caso, procura-se retirar o sangue do ritual, embora a carne continue presente, mas é a carne comprada, portanto que não choca o público. Outros ainda incrementam os efeitos sensitivos do ritual, utilizando muito bem os

princípios capitalistas alienantes presentes na sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) que vivemos: é a venda do produto exótico, da cultura gilbertofreiriana, adorada por turistas e muito bem paga. Nestes casos é possível perceber nitidamente a penetração da ideologia capitalista nas entranhas da religião. Muitas casas ainda resistem a essa invasão, em nome da pureza da fé e do cumprimento da tradição e dos preceitos a fim de que a ordem natural e regida pelos orixás não seja alterada.

Modismos também têm adentrado o candomblé, como a onda vegetariana. Neste caso acredita-se ser possível substituir o sangue ritual por pedras, folhas e outros objetos naturais, numa clara aproximação com a cultura exotérica. Linhas como esta ainda estão sendo vistas com reservas pelo grosso dos fieis candomblecistas. Até quando a resistência cultural será preservada não sabemos.

Embora algumas casas estejam sofrendo penetrações pelos mecanismos de mercado, o candomblé ainda possui em sua essência, elementos culturais que contrariam a lógica capitalista.

Será que esta resistência pode ser levada além do aspecto cultural, oferecendo alguma crítica direta à sociedade capitalista? Vejamos.

Historicamente perseguidas, as religiões afro-brasileiras encontraram formas diversas de se protegerem. No final da década de 80 e início de 90 as religiões afro-brasileiras passaram a funcionar a partir de um registro feito na “Delegacia de Costumes e Diversões” (BARBOSA,2002), portanto, não havia por parte das autoridades, a consideração de que o Candomblé fosse uma religião igual às outras. Ainda na atualidade, apesar de garantida pela Constituição, é uma religião que sofre enormes preconceitos e intolerâncias, devido principalmente a fundamentalismos religiosos emergentes em algumas igrejas neopentecostais. Vale citar o caso recente do Projeto de Lei 202/2010 que previa a proibição das práticas do Candomblé na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, felizmente rejeitada pelo prefeito devido a sua inconstitucionalidade. É possível observar na contemporaneidade uma luta

ferrenha por abolir práticas inerentes ao Candomblé, sobretudo o sacrifício animal que escandaliza a tantos arautos de uma sociedade embasados em uma pretensa racionalidade que enxerga morte, sujeira e primitivismo em qualquer manifestação que não se encaixa aos padrões da cultura ocidental hegemônica.

Quanto aos defensores da cultura hegemônica burguesa capitalista e imperialista, parecem se preocupar menos com o potencial de resistência cultural presente no candomblé e acabam posicionando-se entre, por um lado, caracterizá-la como religião atrasada e primitiva; e aqui se encontra um elemento claro de racismo, ou tentando se apropriar de elementos dela, descaracterizando-a e esvaziando-a para torná-la mais um produto comerciável e altamente lucrativo no mercado do exótico, dentro do contexto falacioso da enorme democracia racial.

A partir desse breve panorama, é possível perceber que praticar o Candomblé tem sido uma opção por resistir aos valores vigentes e impostos pela cultura hegemônica. Contudo, essa resistência já apresenta sinais de esgotamento pois em diversos terreiros as características contra hegemônicas tem sido descaracterizadas.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Cultura negra e dominação**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

BENISTE, José. **Òrun Àiyé: o encontro de dois mundos**. 8ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e Resistência**. Retirado de: Itinerários, Araraquara, nº 10, 1996.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Tradução de Jesus Raniere. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O capital**. Livro 1. Vol. 1. Tradução de Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MAZAN, Maria Aparecida R. **Curandeirismo e Feitiçaria: marcas da escravidão no Sertão da Farinha Podre (Uberdaba, 1854-1864)**. Franca: Dissertação de mestrado em História, UNESP, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados: Orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REIS, João José. **Domingos Sodré. Um sacerdote africano. Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da Magia**. Tradução de Denise Bottmann e Tomás Rosa Bueno. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

* Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (2006), pedagoga pela Universidade de Taubaté (2012) e atualmente participa do programa de pós-graduação (mestrado) em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina com bolsa do CNPQ, orientada pela professora Dr^a Aline Dias da Silveira.